



**Coimisiún na Scrúduithe Stáit
State Examinations Commission**

LEAVING CERTIFICATE EXAMINATION, 2016

**PORTUGUESE
HIGHER LEVEL**

**Monday, 20 June
09:30 - 12:30**

Responda em Português, com clareza e exactidão, a todas as questões propostas nas Partes I, II e III da Prova.

Máximo 100 pontos

Parte I

(30 pontos)

Dos livros e editores

A cabeça de um escritor é um sítio inabitável, cheio de sombras negras que se devoram umas às outras, remorsos, fantasmas, dores, insignificâncias em que não reparamos e ele repara, sensações, luzes, criaturas sem nexos. Usam o papel para ordenar este caos, vertebrar o desespero, dar ao ilógico uma coerência lógica e mostrar o nosso retrato autêntico em cacos de espelho, fundos de poço trémulos, superfícies convexas em que temos de emagrecer por nossa conta. Não se pode estender a mão a quem lê, tem de se caminhar sozinho num nevoeiro aparente em que, a pouco e pouco, as coisas se arrumam nos seus lugares. Em nenhum bom livro há personagens e história: quando muito aparência de personagens e história, usadas para tornar mais clara a vertigem do que somos. Tudo se passa no interior do interior e portanto não devia haver cursos de escrita criativa

(um paradoxo nos termos)

mas de leitura criativa. Conheço menos bons escritores do que bons leitores, um bom leitor é uma espécie muito rara. Um autor do século dezanove dedicava os seus trabalhos aos felizes poucos, expressão roubada a Shakespeare

(we few, we happy few, we band of brothers)

capazes de nadarem ao seu lado em águas muito escuras e de regressarem à tona de mãos cheias. Um livro é mais uma orelha do que uma voz onde, no fim de contas, é o bom leitor quem conversa. O livro escuta. As páginas são ouvidos pacientes que nos guiam através da liberdade do silêncio, onde as nossas frases se reflectem e regressam com um sentido novo. O bom leitor só recebe na medida em que dá e a qualidade da obra depende desta troca constante, do fluxo e refluxo das emoções partilhadas. Temos de ser um agente activo do livro, fazê-lo nosso até que se torne, como queria Rilke de quem não sou admirador, excepto em raras passagens das Elegias, sangue, olhar e gesto. Se não for assim é uma comédia de enganar, um passatempo inócuo como quase tudo o que em Portugal se impinge, porque a maior parte dos editores ou são ignorantes ou são vigaristas, oferecendo ao público pacotilha impressa: um bom editor, tal como um bom leitor, é mais raro que um bom livro. Uma editora comercialmente bem sucedida é má, ou então tem de fazer compromissos. (...) O argumento, temos de pôr as pessoas a ler é idiota: o que temos é de ensinar as pessoas a ler. Até Lenine compreendia isto, ao afirmar que a arte não tem

de descer ao povo, é o povo que tem de subir à arte. (...) Se tivermos lado a lado, à nossa frente, Camões e o jornal, a tendência imediata é pegar no jornal, mas o jornal desaparece amanhã e Camões fica. Chamo jornalismo, explicava Gide, ao que é menos interessante amanhã do que hoje. E depois a Arte não é um desporto de competição: o editor que ponha numa cinta, por exemplo, cem mil exemplares vendidos, ou julga falar de sabonetes ou não é um editor. Se o livro for bom há-de vender muito mais do que isso: quanto terá vendido Ovídio até hoje? É apenas uma questão de tempo, porque os bons leitores existirão sempre, ainda que poucos. O que me aborrece na Arte são os comerciantes que giram em volta dela, sem lhe tocar, porque tiram o seu alimento do efémero. Faz pouco, comecei uma biblioteca na empresa onde estou. Tolstoi foi o primeiro: ao receber o livro impresso reparei que as últimas três páginas eram propaganda a lixo. Como se pode, no fim de um livro de Tolstoi, fazer aquilo? Desonestidade? Ignorância? (...) Tolstoi de mistura com livros de cozinha e ficções. Recomecei a colecção: até agora não repetiram a indignidade. Pergunta:

– Como vão os livros da biblioteca?

Resposta:

– Pingam

e ainda bem que pingam. Se vendessem às grosas é que eu ficava alarmado. Os bons livros são para pingar eternidade fora: o Mondego começa gota a gota; a água suja basta virar o balde e encharca-nos. A água do balde acaba logo. O Mondego não tem princípio nem fim.

– Pingam:

e que maravilha pingarem. À força de pingarem hão-de engrossar irresistivelmente, enquanto os baldes se enferrujam, amolgados, num canto do jardim.

António Lobo Antunes, *in Visão*, 19.08. 2010 (texto truncado)

I

Responda brevemente às seguintes questões:

1. Explique por palavras suas, o sentido das seguintes expressões. (5 × 1 ponto)
 - a) sítio inabitável (§ 1);
 - b) o livro escuta (§ 5);
 - c) fluxo e refluxo das emoções partilhadas (§ 5);
 - d) passatempo inócuo (§ 5);
 - e) tirar o seu alimento do efémero (§ 5)
2. Segundo o cronista, qual a função do leitor? (5)
3. Qual a atitude do cronista diante do jornalismo? (5)
4. De acordo com o texto, que influência pode ter um editor nos hábitos de leitura do público? (5)

5. Explique a reacção do autor face ao argumento de que “temos de pôr as pessoas a ler” e relacione-a com a convicção de que “não devia haver cursos de escrita criativa mas de leitura criativa”. (5)
6. Explique e discuta o sentido da primeira frase do texto: “A cabeça de um escritor é um sítio inabitável, cheio de sombras negras que se devoram umas às outras, remorsos, fantasmas, dores, insignificâncias em que não reparamos e ele repara, sensações, luzes, criaturas sem nexos.” (5)

Parte II

(30 pontos)

Faça um comentário sobre a frase do texto, em cerca de 100 palavras.

Os bons livros são para pingar eternidade fora: o Mondego começa gota a gota; a água suja basta virar o balde e encharca-nos. A água do balde acaba logo. O Mondego não tem princípio nem fim.

Parte III

(40 pontos)

Das duas propostas abaixo apresentadas, escolha e responda apenas a uma.

(Comente a citação em cerca de 300 palavras)

Proposta 1

Uma língua é o lugar de onde se vê o mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação.

Vergílio Ferreira

OU

Proposta 2

O mundo pode ser um lugar bastante mau se não trabalharmos em comum para o fazermos mais igual, mais democrático e mais sustentável.

Fintan O’Toole, *The Irish Times*, 22.2.2016